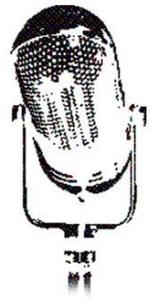




MMPB



MUSEU DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

MUSEU DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Idealização:

Lineu Passeri Júnior

Projeto de arquitetura:

Michail Lieders

Carlos Roberto de Azevedo

Lineu Passeri Júnior

Consultoria acústica:

Passeri & Associados Ltda.

Comunicação visual:

Empresa de Criação Ltda.

Imagens e realidade virtual:

Rafael Otsuka

I. INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a música popular, ao lado do futebol e do Carnaval, constitui-se num dos mais importantes e conhecidos cartões-postais do Brasil. Mas com uma diferença: enquanto o futebol (criado pelos ingleses e jogado com maestria pelos brasileiros) e o Carnaval (comum em diversos países e, que aqui no Brasil, assumiu um importante papel na cultura popular), a Música Popular Brasileira é única, apesar das inúmeras influências que ela recebeu em toda sua história.



A expressão Música Popular Brasileira (MPB) é um acrônimo (uma sigla) associada a uma tendência musical brasileira a partir do ano de 1966, criada para descrever a música popular urbana de classe média surgida após a segunda geração da Bossa Nova. Não é um gênero como o samba, a modinha, o lundu, o bolero, o choro ou a música erudita, que são estilos definidos ouvidos predominantemente por classes sociais distintas. A MPB começou com um perfil marcadamente nacionalista, e foi incorporando elementos de várias procedências.

Na cultura musical brasileira não há muita resistência, por parte dos músicos, em misturar gêneros musicais. Por isso existem diversos gêneros híbridos, e outros que, ainda que não possam ser considerados como novas linguagens, diferenciam-se ao não se encaixar nas definições mais comuns de seus respectivos gêneros. Esses estilos musicais, híbridos e não demarcados, são genericamente classificados como MPB.

Por isso, quando de sua criação, a sigla MPB não se restringia a um único ritmo ou corrente. Foi, simplesmente, o nome dado à música brasileira ouvida predominantemente pela classe média, abrangendo estilos variados. Igualmente,

os artistas representativos da MPB também não se notabilizam pela definição de um estilo musical, mas por apresentarem trabalhos diversificados e híbridos.

Hoje, no entanto, chamamos de Música Popular Brasileira a toda produção musical baseada em canções com apelo de massa, o que, sem dúvida, é mais coerente.



Apesar de ser a expressão musical de um povo, internacionalmente reconhecida, a MPB não possui, até hoje, um espaço dedicado somente a contar sua história.

Há museus “da imagem e do som” em diversas capitais do país, além de um ou dois centros de referência musical, mas que, em ambos os casos, dedicam-se a guardar e conservar acervos. O Brasil

carece, portanto, de um museu moderno e interativo dedicado exclusivamente à sua música popular: o **Museu da Música Popular Brasileira!**

II. REFERENCIAL HISTÓRICO

A música popular no Brasil surge no período colonial, entre os séculos XVI e XVIII, a partir da mistura de vários estilos: as cantigas populares, os sons de origem africana, as fanfarras militares, os cantos tribais dos índios nativos, as músicas religiosas e as músicas eruditas européias.

Nos séculos XVIII e XIX, com o crescimento das cidades, destacavam-se o lundu e a modinha. O lundu, de origem africana, possuía um forte caráter sensual e uma batida rítmica dançante. Já a modinha, de origem portuguesa, trazia a melancolia e falava de amor numa batida calma e erudita.



Na segunda metade do século XIX, a mistura do lundu, da modinha e da dança de salão européia, dá origem ao **choro**. Em 1899, Chiquinha Gonzaga compõe a canção “Abre alas”, que se tornou uma das mais conhecidas marchinhas carnavalescas da história.

Já no início do século XX surgem as bases do que seria o samba. Dos morros e dos cortiços do Rio de Janeiro, começam a se misturar os batuques e rodas de capoeira com os pagodes e as batidas em homenagem aos orixás. O carnaval começa a tomar forma com a participação de mulatos e negros ex-escravos. O ano de 1917 é um marco, pois Ernesto dos Santos, o *Donga*, compõe o primeiro samba de que se tem notícia: “Pelo telefone”. Naquele mesmo ano, Pixinguinha grava seu primeiro trabalho.

Com a popularização do **rádio** nas décadas de 1920 e 1930, a música popular dissemina-se por todo o país. Ary Barroso, Lamartine Babo, Dorival Caymmi, Lupcínio Rodrigues e Noel



Rosa destacam-se como os grandes compositores daquele período. Surgem também grandes intérpretes como Carmem Miranda, Mário Reis, Francisco Alves, as irmãs Linda e Dircinha Batista.



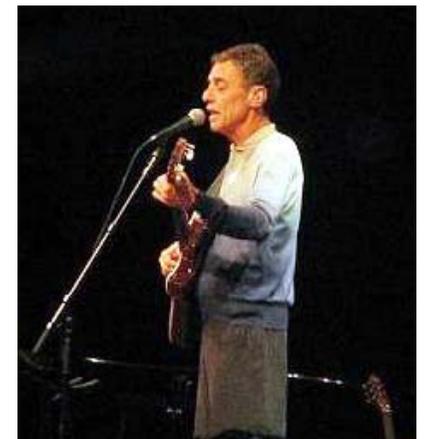
Na década de 1940, Luiz Gonzaga desponta como o grande nome do cenário musical brasileiro, com canções que retratavam o nordeste como Asa Branca e Assum Preto. Jackson do Pandeiro e **Alvarenga & Ranchinho** surgem logo em seguida, na esteira do sucesso de Luiz Gonzaga.

Ao mesmo tempo, um novo estilo musical denominado samba-canção ganhava corpo no universo da música popular. Com um ritmo mais lento e arranjos mais apurados, as canções falavam principalmente de amor. Nesse contexto, destacam-se Dolores Duran, Antônio Maria, Marlene, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Ângela Maria e Cauby Peixoto.

No final da década de 1950 surge a Bossa Nova, com forte influência do *jazz* norte-americano, e um estilo de interpretação sofisticado e suave. Elizeth Cardoso, Tom Jobim e João Gilberto, entre outros, são os grandes nomes desse período.

Devido à sua identificação harmônica com o *jazz*, a Bossa Nova tem grande aceitação no exterior, e faz grande sucesso, principalmente nos Estados Unidos.

A popularização da TV, em meados da década de 1960, é decisiva no processo de popularização da música brasileira. Grandes nomes como Milton Nascimento, Elis Regina, **Chico Buarque de Holanda**, Caetano Veloso, Edu Lobo e Gilberto Gil surgem nos festivais da TV Record.



Mas, se a Bossa Nova estava para o *jazz*, a Jovem Guarda estava para o *rock*. Por isso, simultaneamente, a mesma TV Record lança o programa Jovem Guarda, onde despontam Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, entre tantos outros nomes.

Tim Maia e Jorge Ben (hoje “Benjor”) passeiam com seu talento musical por todo esse período, sem aderir a este ou àquele estilo.



A Tropicália, por sua vez, surge como um movimento de contraposição ao *status-quo*, e tem no grupo **Os Mutantes** seu principal expoente.

Já na década de 1970, artistas dos quatro cantos do país começam a fazer sucesso. Nara Leão grava canções de Cartola e Nelson Cavaquinho. Vindas da Bahia, Gal Costa e Maria Bethânia tornam-se

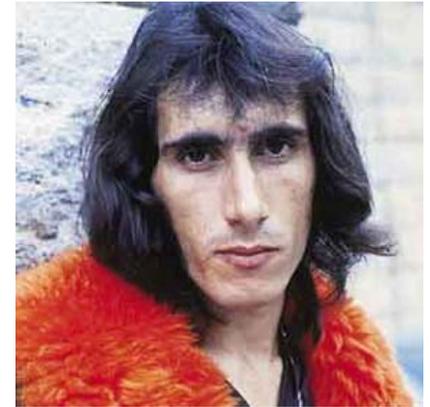
conhecidas do grande público. O mesmo acontece com Fafá de Belém (do Pará), Alceu Valença (de Pernambuco), Elba Ramalho (da Paraíba), Milton Nascimento e o Clube da Esquina (de Minas Gerais), Belchior e Fagner (ambos do Ceará). No *rock* brasileiro destacam-se Raul Seixas e Rita Lee (ex-Mutantes).

Foi também na década de 1970 que surgiu a primeira leva de compositores de prestígio saídos diretamente das escolas de samba do Rio de Janeiro, dentre os quais se destacam Martinho da Vila, Paulinho da Viola e Dona Ivone Lara.

Remonta a essa época o começo da carreira de talentos que se firmariam na década seguinte, como o cantor Ney Matogrosso e o eclético Djavan. No entanto, talvez a mais perfeita tradução desse período tenha sido o grupo Novos Baianos. Seus músicos tinham estreitas ligações com a Bossa Nova (João Gilberto foi um

dos seus padrinhos), comportavam-se como remanescentes da rebeldia tropicalista e conheciam os segredos do mercado fonográfico.

É na década de 1970 que as rádios FM se estabelecem como uma opção mais sofisticada, com melhor qualidade de áudio e uma programação direcionada às classes A e B. Com isso, as emissoras de AM passam a focar sua programação nas classes C, D e E. Surgem então os grandes nomes do estilo musical popular que é pejorativamente chamado de brega: Fernando Mendes, **Odair José**, Lindomar Castilho, Nilton Cezar, Perla, Reginaldo Rossi, Jane & Herondy, entre tantos outros.



A década de 1980 trouxe novos estilos musicais, que recebiam fortes influências do exterior: o *rock*, o *punk* e a música *new-wave*.

O teatro Lira Paulistana e o programa Fábrica do Som (em São Paulo), e o Circo Voador e o festival *Rock in Rio* (no Rio de Janeiro), são os grandes propulsores do *rock* nacional, com canções de temática fortemente urbana, tratando de temas sociais, juvenis e amorosos.

É nesse período que surgem os grupos Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Titãs, Kid Abelha, RPM, Plebe Rude, Ultraje a Rigor, Capital Inicial, Engenheiros do Hawaii, Barão Vermelho, Blitz e Ira! E também Cazuza, Lulu Santos, Marina Lima e Lobão, entre outros nomes.

A década de 1990 é marcada pelo sucesso da música sertaneja (ou *country*) e da música da Bahia (ou *axé-music*).

No primeiro caso, com canções de forte apelo romântico, despontam as duplas Chitãozinho & Xororó, Zezé di Camargo & Luciano, Leandro & Leonardo, e João

Paulo & Daniel. Com a morte prematura de seus parceiros, Leonardo e Daniel seguem carreira-solo, mas sem o mesmo apelo.



No segundo caso, com canções dançantes baseadas nos ritmos do carnaval da Bahia, despontam Daniela Mercury e **Ivete Sangalo**. No cenário do *rap* destacam-se Gabriel, o Pensador, O Rappa, Planet Hemp, Racionais MCs e Pavilhão 9. Mas a grande revelação da década, sem dúvida nenhuma, é a cantora carioca Marisa Monte.

O século XXI começa com o sucesso de grupos de *rock*, interpretando canções com temáticas voltadas para o público adolescente (como Charlie Brown Jr, Skank, Detonautas, Jota Quest e CPM 22, por exemplo) e de cantoras de grande talento (como Cássia Eller, Zélia Duncan, Ana Carolina e Maria Rita, por exemplo).

III. O MUSEU DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA



Um espetáculo interativo de som e imagem de alta qualidade, capaz de abranger a história da produção musical popular do Brasil em toda a sua exuberância: assim pode ser definido o futuro **Museu da Música Popular Brasileira**.

3.1. O CONCEITO

O museu que se pretende é um espaço para ser visitado por brasileiros e estrangeiros de todas as idades, com **recursos interativos de áudio e vídeo** de fácil manuseio.

Seu percurso deverá alternar momentos de **impacto sonoro e visual** com momentos de **reflexão e didática**, entretendo, informando e ensinando escolas, grupos de amigos e todos os membros de uma mesma família.

O acervo será disposto em **alas** – como numa escola-de-samba na avenida – e em **salas**, e uma mesma ala poderá conter várias salas anexas a ela. As alas concentrarão as informações gerais a respeito de um determinado tema (por exemplo: a Ala dos Mestres). As salas, por sua vez, concentrarão as informações específicas de um assunto de destaque naquele tema (por exemplo: a Sala Tom Jobim).

Ao adquirir seu ingresso, o visitante recebe um **cartão dotado de um código de barras**, para que ele possa **acessar o espaço** do museu e **interagir com o acervo** durante sua visita.

A visitação tem início na ala denominada “Máquina-do-tempo”, onde o visitante apreciará um espetáculo (pode ser um vídeo ou um documentário) com imagem e som de alta definição, que contará – em 30 minutos – a história da Música Popular Brasileira, desde o século XVI até os dias de hoje.

3.1.1. A MÁQUINA DO TEMPO



Aqui, será mostrado como tudo começou, e como se mesclaram estilos, ritmos, instrumentos e tendências, para que chegássemos ao que hoje chamamos de MPB. Século a século, década a década, o visitante conhecerá todos os ritmos, estilos e movimentos que contribuíram para a formação do universo musical popular brasileiro.

Em linhas gerais, o espetáculo apresentado nesta ala deverá contar:

3.1.1.1. Os primórdios da música popular no Brasil: os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

3.1.1.2. De 1870 a 1919: o choro, as marchas-rancho, o maxixe, os primórdios do samba, as primeiras gravações; **Chiquinha Gonzaga**, Ernesto Nazareth e Pixinguinha.

3.1.1.3. De 1920 a 1944: o apogeu de “Sinhô”, o rei do samba, os carnavais de Lamartine Babo, a era de ouro de Noel Rosa, Carmen Miranda, Francisco Alves e Mário Reis; Luiz Gonzaga, o rei do baião.



3.1.1.4. De 1945 a 1963: o rádio e sua influência na disseminação da música popular (Dolores Duran, Antônio Maria, Marlene, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Ângela Maria e Cauby Peixoto); a Bossa Nova e seu sucesso nos Estados Unidos (Elizeth Cardoso, Tom Jobim e João Gilberto).

3.1.1.5. De 1964 a 1972: a televisão e os programas musicais; a Jovem Guarda (Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa); a era dos festivais da Record (Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina, Edu Lobo e Milton Nascimento); a Tropicália.

3.1.1.6. De 1973 a 1980: a música do Nordeste e o Clube da Esquina; o samba dos grandes compositores (Martinho da Vila e Paulinho da Viola); a música brega (Odair José, Fernando Mendes, Jane & Herondy).

3.1.1.7. De 1981 a 1990: o *rock*, o *punk* e a música *new-wave*; o Lira paulistana (SP) e o Circo Voador (RJ); a Fábrica do Som (SP) e o *Rock'n'Rio* (RJ).

3.1.1.8. De 1991 a 2000: a canção sertaneja e suas duplas; o *axé-music* da Bahia; o pagode.

3.1.1.9. De 2001 aos dias de hoje: os novos grupos de *rock*, *rap* e *hip-hop*; as grandes vozes femininas; os novos talentos e as tendências da MPB.

As alas que se sucedem à “Máquina-do-tempo” oferecem ao visitante experiências sensoriais de imersão no universo dos três elementos de maior destaque na MPB: o carnaval, o samba e a bossa-nova.

3.1.2. ALA DO CARNAVAL

Nesta ala, o visitante experimentará a sensação de desfilarmos em uma escola de samba na Marquês de Sapucaí. Aqui, **o visitante desfila!**

Por meio de projeções em 3D e recursos de som *surround*, o visitante caminhará como se estivesse no eixo central da avenida, com imagens holográficas de mulatas e passistas desfilando ao seu lado, em tamanho natural.



3.1.3. ALA DA HISTÓRIA DO SAMBA



O samba, suas origens, sua história e suas variações serão esmiuçados em uma ala dedicada exclusivamente ao tema: o samba-de-roda, o samba-canção, o samba-de-breque, o samba-de-raiz, o samba-rock, o pagode, o partido-alto e a bossa nova serão apresentados ao visitante por meio de imagens em telas de plasma, som de alta definição, fotografias, objetos, partituras e tudo o mais que for referente ao assunto e aos grandes

sambistas.

3.1.4. ALA DA BOSSA NOVA

Nesta ala **o visitante se sentirá caminhando no calçadão de Copacabana.**

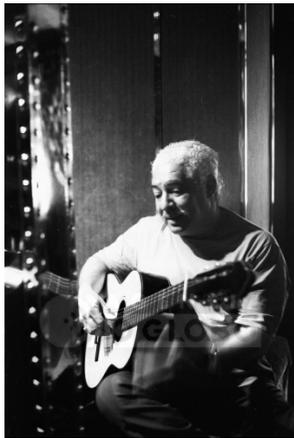
De um lado, a praia, o sol, o Cristo Redentor, o Corcovado e o barulho do mar. De outro, imagens 3D em movimento dos grandes nomes da Bossa Nova, cantando e tocando as belezas do Rio de Janeiro, sentados nas mesas dos bares famosos da orla carioca.



Ao deixar a ala da Bossa-nova, o visitante adentra o museu propriamente dito e passa a interagir com seu conteúdo.

Em todas as alas e salas ele poderá **selecionar as canções** de seu interesse por intermédio de seu **cartão com código de barras**. No final da visita, em um terminal de computador, o visitante terá a oportunidade de **adquirir, e levar consigo, as canções escolhidas** durante sua permanência no museu.

3.1.5. ALA DOS MESTRES



Nesta ala, dedicada aos grandes mestres da Música Popular Brasileira, o visitante conhecerá o processo criativo de cada um deles. Como se unem letra e música, poesia e harmonia, para formar obras inesquecíveis.

Trechos de entrevistas intercalados com trechos de apresentações ao vivo ou de gravações em estúdio mostrarão como foram concebidas as obras-primas da canção brasileira.

Salas anexas serão dedicadas ao acervo dos nomes mais importantes de nossa música popular:

Pixinguinha, Noel Rosa, Cartola, Lamartine Babo, Luiz Gonzaga, **Dorival Caymmi**, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Roberto Carlos, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outros.

3.1.6. ALA DOS CANTORES

As vozes masculinas inesquecíveis. Os grandes intérpretes surgem em imagens fotográficas, filmes e vídeos projetados em tamanho natural, com som digital de alta qualidade, que mostrem os artistas em ação, no palco ou no estúdio, em seus melhores momentos.

As salas anexas trarão os cantores mais importantes da história da MPB: Francisco Alves, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto, João Gilberto, **Wilson Simonal**, Jair Rodrigues, Tim Maia, Ney Matogrosso entre outros.



3.1.7. ALA DAS CANTORAS

Versão feminina da ala dos cantores. As salas anexas serão dedicadas ao acervo de grandes cantoras: Carmem Miranda, Emilinha Borba, Elizeth Cardoso, Maysa, **Elis Regina**, Gal Costa, Maria Bethânia, Marisa Monte, Ivete Sangalo, entre outras.



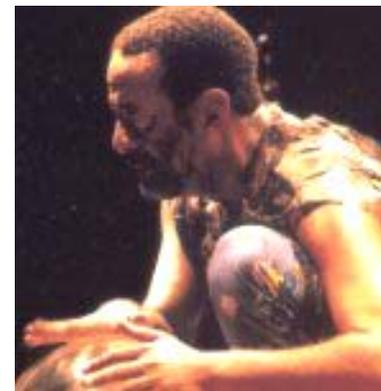
3.1.8. ALA DOS GRUPOS

A exemplo das duas alas anteriores, esta será dedicada exclusivamente aos grupos musicais: Os Batutas, os Demônios da Garoa, os 3 do Rio, Renato e seus Blue-Caps, os Incríveis, MPB4, Os Originais do Samba, Zimbo Trio, Secos e Molhados, Mutantes, Quarteto em Cy, Paralamas do Sucesso, Titãs, Skank, Jota Quest, entre outros.

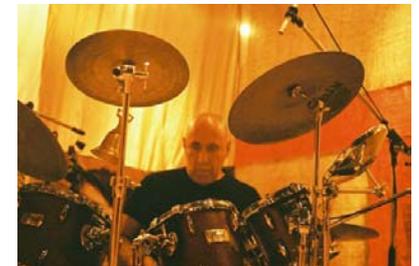
As diversas formações de cada grupo, seus integrantes e respectivos instrumentos serão esmiuçados no material apresentado nesta ala.

3.1.9. ALA DOS RITMOS

Aqui o visitante poderá conhecer todos os ritmos que compõem o universo da MPB. O lundu, a marcha-rancho, o maxixe, o frevo, o



maracatu, o baião e o



carimbó, por exemplo, serão mostrados ao visitante de duas maneiras: em canções apresentadas em shows ou festas populares e, em seguida, em uma demonstração de sua peculiaridade rítmica, sua batida, seus acentos, de forma didática.

O samba e suas variações rítmicas serão explorados em toda sua riqueza. Também serão mostrados exemplos da influência dos ritmos estrangeiros na MPB: o rock e o *funk*.

3.1.10. ALA DOS ESTILOS E DOS MOVIMENTOS

Nesta ala serão exibidos os estilos e os movimentos que fizeram parte da história da MPB, mostrados de forma didática e historicamente contextualizada, com recursos audiovisuais de sons e imagens de suas respectivas épocas e locais de origem.

Os estilos: sertanejo, nordestino, brega, pop, dor-de-cotovelo e o *axé-music*.



Os movimentos: Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicália, Clube da Esquina, Rock paulista, Rock carioca, Rock de Brasília e o Mangue-Beat.

3.1.11. ALA DOS GRANDES ESPETÁCULOS

Os grandes espetáculos, os grandes encontros, os festivais e os inesquecíveis **programas de TV** serão apresentados nesta ala. O visitante poderá ver – ou rever – Doces Bárbaros, Falso Brillhante, Chico e Caetano ao vivo, Elis Regina e Tom Jobim, a Fábrica do Som e o *Rock in Rio*, entre outros grandes momentos de nossa música popular.



As exhibições desses espetáculos serão em várias salas simultaneamente, com os horários de início devidamente informados ao visitante, de modo que ele possa planejar sua visita de acordo com seu interesse neste ou naquele espetáculo.

3.1.12. ALA DOS VIRTUOSES

Ala dedicada ao trabalho dos músicos que acompanham os grandes nomes da MPB.

Violonistas, pianistas, percussionistas, bateristas, contrabaixistas, guitarristas e todos os demais instrumentistas responsáveis pelos sons que embalam a poesia dos grandes mestres: Nico Assumpção, Romero Lubambo, Victor Assis Brasil, Robertinho Silva, entre outros.



"Músico bom não tem pátria e nem planeta.
Em qualquer lugar toca bem"

Esta ala também exibirá o trabalho de grandes instrumentistas e compositores brasileiros, como: Egberto Gismonti, **Hermeto Paschoal**, Sivuca, Aíró Moreira e Naná Vasconcellos, por exemplo.

3.1.13. ALA DOS MAESTROS, ARRANJADORES E PRODUTORES

Os grandes nomes por trás dos grandes intérpretes. Júlio Medaglia, Lindolpho Gaya, Rogério Duprat, Eduardo Lajes, Severino Araújo, Wagner Tiso, César Camargo Mariano e Liminha são alguns dos nomes que compõem o acervo exposto nesta ala.

3.1.14. ALA DOS INSTRUMENTOS E DA TECNOLOGIA

Aqui o visitante conhecerá a história, a evolução e o processo construtivo dos instrumentos musicais utilizados na MPB, bem como a evolução do processo de gravação, desde os seus primórdios até os dias de hoje. Instrumentos musicais e equipamentos estarão expostos.

Projeções em monitores de plasma ou LCD mostrarão as características sonoras e timbrísticas de cada instrumento musical. Também serão exibidos e estarão em funcionamento: gramofones, **vitrolas**, toca-discos, CD *players* e MP3 *players*.



3.1.15. ALA DAS GRAVADORAS



Nesta ala dedicada exclusivamente às gravadoras que atuam – ou atuaram – no mercado brasileiro, o visitante terá acesso à totalidade do *casting* de cada uma delas, poderá **localizar músicas** gravadas por seus artistas contratados, verificar a disponibilidade deste ou daquele fonograma e **visualizar as capas** e contracapas de todos os discos lançados por cada gravadora.

As paredes desta ala serão revestidas por um mosaico de pequenas imagens de 50x50mm, lado a lado, com a reprodução reduzida das capas dos discos mais importantes de cada gravadora, distribuídas aleatoriamente.

3.1.16. ALA DAS TENDÊNCIAS



Nesta última ala dedicada à exposição permanente, o visitante conhecerá as atuais **tendências da MPB**.

Os novos cantores, cantoras, compositores e grupos musicais serão contemplados aqui, de modo que se tenha uma visão atual da produção musical popular brasileira, e que se possa traçar uma perspectiva de médio prazo.

3.1.17. DIVERSÕES ELETRÔNICAS



Numa clara alusão à canção do compositor da vanguarda-paulistana Arrigo Barnabé, esta ala destina-se ao **entretenimento totalmente interativo** do visitante.

Aqui, ele terá à sua disposição **cinquenta terminais de computador** nos quais, de posse de seu cartão com código de barras, poderá verificar as canções selecionadas ao longo de sua visita, fazer uma simulação do custo de aquisição dessas obras, adicionar ou subtrair títulos de sua lista, efetuar o pagamento pela aquisição dos títulos escolhidos, e copiá-los em CD, em seu MP3 *player* ou **iPod**.



O visitante terá, ainda, a oportunidade de sentir toda a emoção de estar em um palco ou em um estúdio, e **gravar sua performance**.

Em um espaço denominado **Cantar no Palco**, que simulará as condições acústicas e de iluminação do palco de uma grande sala de espetáculos com **platéia lotada**, o visitante cantará uma canção previamente escolhida. O resultado de sua apresentação será **gravado em DVD**. O detalhe especial ficará por conta da platéia, formada pelos rostos dos artistas que compõem o acervo do museu, numa curiosa inversão de papéis.



No espaço denominado **Cantar no Estúdio**, o visitante terá a oportunidade de cantar uma canção previamente escolhida como se estivesse em um verdadeiro estúdio de **gravação profissional**, com a presença de um técnico e um produtor.



O resultado desta atividade será um **CD com a gravação** do visitante, que ele leva consigo.

3.1.18. EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Esta ala será destinada a eventos e **exposições temporárias** programados pela administração do museu, por exemplo: lançamento de livros, CDs e DVDs, sessões de autógrafos, exposições temáticas e atividades afins.



3.1.19. BIBLIOTECA, AUDITÓRIOS E SALAS DE USO MÚLTIPLO



Áreas destinadas às atividades didáticas, experimentais e de pesquisa. A **biblioteca multimídia** terá livros, partituras, CDs e DVDs para consulta e pesquisa. Os auditórios e as salas de uso múltiplo serão destinados a cursos, palestras, debates, workshops, oficinas e ensaios.

3.1.20. TEATRO

Um teatro para **1.100 espectadores** com acesso independente do museu, dedicado exclusivamente a espetáculos de MPB e acústica cuidadosamente planejada para esse fim, será o local para os grandes espetáculos na cidade de São Paulo.



Um **estacionamento subterrâneo** acomodará com folga os veículos dos espectadores.

3.1.21. COMPRAS

Três lojas ficarão à disposição dos visitantes e do público em geral:

- Uma loja de instrumentos musicais;
- Uma **loja de CDs, DVDs**; e
- Uma loja de livros, presentes e souvenirs do Museu da MPB.



3.1.22. ALIMENTAÇÃO

O visitante terá as seguintes opções para um lanche ou uma refeição durante sua visita:

- Café do Museu, no térreo;
- Restaurante e **praça de alimentação**, na cobertura.



3.2. SUGESTÃO DE LOCALIZAÇÃO

A rigor, este museu poderia ser instalado em qualquer capital do país. No entanto, a cidade de São Paulo mostra-se como a mais adequada, não apenas por ser um dos grandes pólos culturais da América Latina, mas pelo fato de ser a cidade brasileira que mais recebe “turistas de negócios” ávidos por conhecer e tomar contato com a cultura do país de forma objetiva, com qualidade e segurança.

A cidade possui diversas opções de locais onde se poderia instalar o Museu da Música Popular Brasileira: em parques (como o recém-construído Parque do Povo, na zona oeste, por exemplo), em edifícios que poderiam ser reaproveitados (como o edifício do Detran no Ibirapuera, por exemplo), ou em áreas deterioradas em processo de reurbanização (como a parte do centro-velho da cidade, conhecida como “Cracolândia”, por exemplo).

Nossa opção, no entanto, recaiu sobre a área de 24.200m², de propriedade de Armando Conde, situada entre as Ruas Augusta, Caio Prado e Marquês de Paranaguá, que constantemente vem sendo objeto de propostas de ocupação por parte da iniciativa-privada, sem que se garanta a sua utilidade pública e a preservação da extensa área de mata nativa em seu interior.



A 100m da futura estação Higienópolis-Mackenzie, da linha amarela do metrô, a área é servida por diversas linhas de ônibus, com fácil acesso a praticamente todas as regiões de São Paulo.



O terreno já abrigou diversas atividades ligadas à música, com destaque para a tenda chamada “Projeto SP”.

A vegetação exuberante, remanescente da Mata Atlântica, emoldurará o futuro museu e poderá ser utilizada por toda a população local, carente de parques e áreas verdes na região.

3.3. O PARTIDO DO PROJETO

O partido adotado no projeto do edifício destinado a abrigar o Museu da MPB baseia-se em três premissas:

- 3.3.1. Edifício de linhas simples, com **preocupações ecológicas**, para valorização da área verde;
- 3.3.2. Utilização do **térreo como praça** pública, integrada com a vegetação ;
- 3.3.3. Utilização da **cobertura como praça** do museu;
- 3.3.4. **Preservação de 100% da mata** existente no terreno.



O edifício será composto por 2 (dois) blocos expositivos de linhas simples, de largura e comprimentos e mesma altura, com dois pavimentos cada um, destinados a abrigar todo o acervo do museu, **interligados por uma torre** de utilidades que sobressai no entorno e torna-se um marco na paisagem urbana.

No térreo de ambos, uma **grande praça sob pilotis** convida o visitante a entrar e tomar um café. Em sua cobertura, logo acima da copa das árvores centenárias, uma **grande praça descoberta** acomoda o **restaurante** e a **praça de alimentação**.



A **torre de utilidades** que interliga os dois blocos baixos abriga as seguintes atividades:

- Circulação vertical do museu (escadas, escadas-rolantes, elevadores e montacargas);
- Acesso ao restaurante, praça de alimentação, berçário, fraldário e sala de crianças;
- Sanitários públicos;
- Ambulatório, sanitários funcionais, vestiários e depósitos;
- Sala de segurança, supervisão predial e *facility management*;
- Área destinada à produção de conteúdo do museu;
- Áreas destinadas à administração do museu e seus patrocinadores.

3.4. CALÇADA DA FAMA



A grande **calçada voltada para a Rua Augusta** será pavimentada de modo a permitir a sua utilização como a **Calçada da Fama**, na qual os grandes nomes vivos da MPB serão convidados a deixar sua marca para a posteridade.



Espera-se, com isso, que outras quadras da mesma Rua Augusta sejam transformadas em “Calçadas da Fama” do esporte, da televisão, do cinema, do teatro, por exemplo.

3.5. ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO



Exatamente **sob a projeção dos edifícios** haverá um **estacionamento subterrâneo** com até **5 (cinco) subsolos**.



Este estacionamento deverá atender à demanda por vagas do próprio museu, da PUC e do Mackenzie. Além disso, sua **construção ficará a cargo da empresa** que vencer a licitação para obter sua cessão de uso, o que representará significativa economia no valor total do empreendimento.

4. VALORES ESTIMADOS E PERCENTUAIS ENVOLVIDOS

Item	Descrição	Área (m2)	Custo (R\$/m2)	Total (R\$x1.000)
4.1.	Aquisição do terreno (pela PMSP)	24.200,00	1.250,00	30.250,00
4.2.	Estacionamentos (1.580 vagas) (a cargo da concessionária)	37.776,82	1.000,00	37.776,82
4.3.	Edifícios do museu (obras civis)	25.276,20	2.200,00	55.607,64
4.4.	Edifícios do museu (museografia)	12.125,00	2.000,00	24.250,00
4.5.	Teatro (1.105 lugares) (independe do museu)	3.023,15	3.000,00	9.069,45
4.6.	Restaurantes (cobertura) (a cargo das concessionárias)	6.850,00	1.200,00	8.220,00
	SUBTOTAL	109.251,17		165.173,91
	Projetos e consultorias			8.696,09
	TOTAL GERAL ESTIMADO			173.870,00

Descrição do investimento	Valor (R\$ x 1000)	Percentual (%)
Aquisição do terreno (pela PMSP)	30.250,00	17,40
Estacionamento e restaurantes (concessionárias)	45.996,82	26,45
Museu (obras civis, museografia e projetos)	88.553,73	50,95
Teatro	9.069,45	5,20
TOTAL GERAL ESTIMADO	173.870,00	100,00

5. SOBRE OS AUTORES



Lineu Passeri Júnior, 45, arquiteto, urbanista, músico e mestre em acústica arquitetônica. Atuou junto a diversos escritórios de arquitetura e foi consultor da ONU. Participou do projeto executivo do Parque Villa-Lobos como colaborador do escritório do arquiteto Décio Tozzi. Atuou como consultor no projeto dos ambientes destinados a atividades musicais do SESC Vila Mariana e no restauro do edifício do antigo DOPS.



Michail Lieders, 62, arquiteto e urbanista, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Santos desde 1972, cujo projeto do edifício é de sua autoria. São de sua autoria os projetos do edifício-sede do cimento Itaú, dos escritórios da Rede Globo de Televisão e do Clube Atlético Ypiranga.



Carlos Roberto de Azevedo, 55, arquiteto e urbanista, atuou junto a diversos escritórios de arquitetura. Nos últimos 10 anos foi colaborador do escritório do arquiteto Ruy Ohtake, participando dos projetos do Ohtake Cultural, do Hotel Unique, do restaurante D.O.M., do Unique-Garden e do Expresso Tiradentes, entre outros.

São Paulo, 10 de Junho de 2007.